



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
Secretaria de Educação a Distância – SEAD
Especialização em Metodologias Ativas

ADRIANA COSTA DOS SANTOS

**A UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NOS PROCESSOS
EDUCATIVOS**

SERRINHA/BA
2024

ADRIANA COSTA DOS SANTOS

**A UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NOS PROCESSOS
EDUCATIVOS**

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, como requisito para obtenção do título de Especialista em Metodologias Ativas.

Orientador: Prof. Erikson de Carvalho Martins

**SERRINHA/BA
2024**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
Secretaria de Educação a Distância – SEAD
Especialização em Metodologias Ativas

FOLHA DE APROVAÇÃO

ADRIANA COSTA DOS SANTOS

A UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NOS PROCESSOS
EDUCATIVOS

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, como requisito para obtenção do título de Especialista em Metodologias Ativas.

Aprovado em: 04 de Janeiro de 2024



Documento assinado digitalmente
ERIKSON DE CARVALHO MARTINS
Data: 08/01/2024 11:08:20-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente
RAPHAELA VASCONCELOS GOMES BARRETO
Data: 08/01/2024 11:20:51-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Erikson de Carvalho Martins – IFBA.

Prof.^a Raphaela Vasconcelos Gomes Barreto - UFERSA



Documento assinado digitalmente
JULIANA GOMES DA SILVA
Data: 08/01/2024 11:54:57-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Me. Juliana Gomes da Silva – SME/Goiânia

A UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS NOS PROCESSOS EDUCATIVOS

Adriana Costa dos Santos

RESUMO

Atualmente, as tecnologias estão presentes, cada vez mais, na vida dos estudantes, dentro e fora da sala de aula, fazendo com que o profissional da educação se desafie constantemente e busque se aperfeiçoar quanto ao uso dos recursos tecnológicos a sua disposição, como é o caso das redes sociais virtuais, para assim dinamizar a sua prática e abraçar o novo perfil de aluno, da chamada *sociedade da informação*. Diante disso, objetiva-se nesse trabalho: mostrar o quanto as tecnologias vêm tornando-se indispensáveis para nossa formação; caracterizar as redes sociais virtuais *Facebook*, *WhatsApp* e *YouTube*, como possibilidades de utilização nos processos de ensino e aprendizagem; e, por fim, discutir a formação docente quanto ao uso das novas tecnologias. Esta produção trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre *Redes sociais digitais na educação*, de modo a evidenciar que estas podem servir de motivação a construção do conhecimento, devido à dinamização de conteúdos veiculados, variação de mídias digitais, promoção da interatividade e, sobretudo, o incentivo à criticidade e ao protagonismo dos usuários.

Palavras-chave: Redes sociais. Tecnologias. Ensino-aprendizagem. Formação Docente.

1. INTRODUÇÃO

As tecnologias invadem as nossas vidas, ampliam a nossa memória, garantem novas possibilidades de bem-estar e fragilizam as capacidades naturais do ser humano. Somos muito diferentes dos nossos antepassados e nos acostumamos com alguns confortos tecnológicos – água encanada, luz elétrica, fogão, sapatos, telefone – que nem podemos imaginar como seria viver sem eles.

(Kenski, 2012, p.19)

Os avanços tecnológicos apresentam mudanças significativas nas práticas sociais e individuais do ser humano, levando-o a adquirir em sua vida novos hábitos e habilidades, não só para o exercício de sua cidadania, mas também para reforçar suas relações interpessoais.

E diante das transformações sociais ocasionadas, principalmente pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) no contexto da educação básica e na prática docente, “aparece um novo formato de educação, no qual giz, quadro e livros não são mais os únicos instrumentos para dar aulas que os professores possuem” (RAMOS, 2012, p.05), havendo diversos outros, proporcionados pelo avanço tecnológico, carecendo de exploração, tais como: TV, computador, internet e, sobretudo, mídias digitais e sociais – os quais vêm se constituindo como fortes aliados no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, na chamada era dos Nativos Digitais, termo este relacionado àqueles que nasceram e cresceram com as tecnologias digitais em suas vivências, é importante que o docente domine essas tecnologias, tanto de forma positiva quanto com a capacidade de anular os efeitos negativos do uso delas, como a possibilidade de perda de foco, distração, disseminação de fake News, entre outros, tornando assim o seu processo de intervenção mais dinâmico e plural.

Ainda é válido ressaltar que, diversos outros aspectos tecnológicos marcam-se como presentes no nosso cotidiano social, pessoal, acadêmico e profissional. Notadamente, ao utilizarmos, por exemplo, as redes sociais, os e-mails, blogs etc., como plataformas que nos dão suporte às nossas atividades cotidianas, estamos transformando, sobremaneira, a nossa relação com a sociedade, com o outro e com o conhecimento. E, no que concerne ao contexto educacional e à prática docente, utilizar esses recursos de forma pedagógica, tende a amenizar as barreiras de tempo e espaço, possibilitando a democratização do ensino e fazendo com que diferentes sujeitos, em diferentes regiões do globo, tenham acesso à educação.

Foi pensando nessas dinâmicas sociais ocasionadas pelas TDICs que escolhemos *Redes sociais digitais na educação* como temática para esse trabalho de conclusão do curso da Especialização em Metodologias Ativas da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), ofertada por meio da modalidade de Educação a Distância – EaD.

De antemão, é preciso entender que não basta inserir as redes sociais digitais nos processos educativos, cabe antes, estabelecer objetivos específicos que podem ser alcançados por meio delas. Nisso, surge o seguinte questionamento: como as redes sociais digitais podem favorecer novos processos educacionais, bem como aprimorar a relação professor-aluno? E é pensando na resolução desse problema, que este trabalho tem como objetivos específicos: a) mostrar o quanto as tecnologias vêm se configurando como indispensáveis à formação do cidadão; b) caracterizar as redes *Facebook*, *WhatsApp* e *YouTube*, descrevendo algumas possibilidades de utilização delas nos processos de ensino e aprendizagem; c) discutir a formação docente quanto ao uso das tecnologias à sua disposição, as quais podem ser exploradas em sala de aula.

E para atingir esses objetivos, será utilizada como metodologia, a pesquisa bibliográfica. Esse tipo de pesquisa trata-se de uma investigação detalhada de materiais já publicados acerca do tema em esboço, ou seja, “refere-se à seleção e busca de informações e de documentos, visando à revisão de literatura (ou bibliográfica), cujo objetivo é identificar o que já foi produzido sobre determinado assunto e, assim, buscar apoio para a argumentação a ser usada” (LUBISCO; VIEIRA, 2013, p.25).

Deste modo, para dar conta dos objetivos acima supracitados, valendo-se da metodologia de cunho bibliográfico, foram selecionados como aporte teórico nessa produção os estudos dos seguintes autores: Lorenzo (2013), Castells (1999), Kenski (2012), Silva e Serafim (2016), Moreira e Januário (2014), Coutinho e Lisbôa (2010), Patrício e Gonçalves (2010), Mattar (2013), Rodrigues (2015), Bottentuit Junior e Albuquerque (2016), Feliciano (2016), Marcelino e Santos (2015), Dias e Leite (2012), Himanem (2005), Porto, Oliveira e Couto (2015) e Araújo (2010).

2. AS TECNOLOGIAS E A FORMAÇÃO CIDADÃ

Nota-se que, a educação não acontece, simplesmente, em espaços formais de aprendizagens, pelo contrário, dos contextos informais podem originar-se grandes práticas educativas. Na nossa família, nas reuniões entre amigos, nas nossas viagens, no contato

com a internet – principalmente por meio de redes sociais digitais e sites especializados etc., também se disseminam informações/conhecimentos que logo são apreendidos por nós na medida em que interagimos nesses meios.

Nesse sentido, abrir espaços no contexto de educação formal para uma reflexão das aprendizagens adquiridas fora da escola é tão relevante quanto à qualificação contínua dos profissionais da educação, haja vista que, o que acontece nos ambientes informais, tende a repercutir nas salas de aulas. Ante a isso, podemos destacar como exemplo, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) que, por estarem atualmente sendo muito exploradas, vêm a cada dia influenciando no comportamento do ser humano, em sua forma de pensar e agir. Desse modo, não faria sentido “que se vejam esses dois mundos – a educação formal e informal – como rivais, mas antes como parceiros na formação dos nossos jovens que nasceram na era digital” (COUTINHO; LISBÔA, 2011, p.18).

É preciso compreender esse movimento das TDICs, adentrar-se a ele, para em seguida intervir no que for essencial, visto que, essas tecnologias estão ecoando – como citado acima – na forma das pessoas agirem, tanto individualmente quanto socialmente.

Segundo Coutinho e Lisbôa (2011, p.05)

O desafio imposto à escola por esta nova sociedade é imenso; o que se lhe pede é que seja capaz de desenvolver nos estudantes competências para participar e interagir num mundo global, altamente competitivo que valoriza o ser-se flexível, criativo, capaz de encontrar soluções inovadoras para os problemas de amanhã, ou seja, a capacidade de compreendermos que a aprendizagem não é um processo estático mas algo que deve acontecer ao longo de toda a vida.

Desse modo, é preciso, de fato, que a escola desafie-se constantemente em formar alunos para uma cidadania responsável, que sejam autônomos na busca e seleção de informações/conhecimentos para a sua atuação política e social. Nesse sentido, uma intervenção pedagógica por parte dos profissionais da educação a partir das Tecnologias Digitais de Informação, Comunicação e Expressão, como é o caso das redes sociais digitais, pode trazer um retorno bem significativo, tanto para a escola quanto para os sujeitos em formação.

Diante disso, embora a incorporação das redes sociais digitais na educação possa trazer muitos benefícios para os estudantes, é pertinente destacar que estas redes também podem apresentar alguns prejuízos a estes, tais como: exposição excessiva; dificuldade em filtrar informações; distrações durante o processo de estudo; dependência tecnológica e pouca interação social fora das telas. Além disso, requer cuidados no que concerne a

disseminação de *Fake News*, ou seja, veiculações de informações/notícias falsas, sendo que nesse quesito é preciso uma intervenção quanto à compreensão do seu significado e das consequências que uma informação ilegítima pode causar.

Segundo Guimarães e Martins (2010, p.323),

O professor deve ter consciência das transformações culturais e sociais e, inclusive, valer-se delas em sua prática laboral. Se este professor encontrou problemas em sua formação acadêmica, cabe a ele reconstruir e aprimorar o seu conhecimento. As ferramentas tecnológicas, a forma de propagação das informações, o surgimento de novas mídias que se atualizam e aprimoram-se rapidamente devem, urgentemente, fazer parte do cotidiano escolar, até pela simplista visão dos alunos estarem cada vez mais próximos a estas linguagens, inclusive em seu futuro mercado de trabalho.

Com isso, nota-se o quanto é relevante o profissional da educação estar atento às manifestações culturais que repercutem no comportamento social, para que ele não passe a investir numa intervenção alheia à realidade do sujeito em formação.

3. REDES SOCIAIS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Com a evolução das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), o sujeito passou a protagonizar expressivas transformações na forma de interagir, desafiando-se a abraçar as novas tecnologias para manter-se conectado socialmente, haja vista que devido a esse avanço tecnológico, a nova sociedade digital passou a ser caracterizada como *sociedade da informação*, a qual remete a um período histórico marcado por uma revolução tecnológica, movida por tecnologias digitais de informação e comunicação, as quais vêm promovendo mudanças significativas tanto nas relações sociais quanto nas relações dos sujeitos com o mundo do trabalho (CASTELLS, 1999). Isso vai de encontro com as ponderações de Silva e Serafim (2016, p.69), quando afirmam que:

A sociedade atual está vivendo um processo de profundas mudanças em que as tecnologias são as principais responsáveis. Alguns autores já consideram isto um novo paradigma da sociedade e a denominam como Sociedade da Informação. Essa nova sociedade baseia-se no conhecimento e encontra-se em processo de formação e expansão por todo o mundo, desempenhando um papel importante e fundamental na produção de riquezas e na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos.

No ceio educacional, nota-se que o aumento da popularização dos dispositivos eletrônicos tem repercutido na interação entre professores e alunos. E dentre os diversos

dispositivos disponíveis no mercado, os computadores, celulares e *smartphones* são os que mais vêm promovendo essa interação, uma promoção que ganha mais notoriedade com as possibilidades promovidas pelas redes sociais digitais, como exemplo, o acesso e compartilhamento de mensagens em forma de textos, imagens, áudios, vídeos, entre outras formas.

É preciso destacar que “as redes sociais existem desde sempre na história humana, tendo em vista que os homens estabelecem relações entre si formando comunidades ou redes de relacionamentos presenciais” (LORENZO, 2013, p. 23). Porém, a discussão aqui se delimitará a redes sociais virtuais, tais como: *WhatsApp*, *Facebook*, e *YouTube* – redes essas que necessitam da conexão *via* internet para que a comunicação aconteça de fato, quais podem influenciar, positivamente, na relação professor-aluno, servindo como subsídio para tornar o aluno protagonista no meio educacional.

Vale ressaltar que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), realizada pelo IBGE em referência a 2022, mostrou que das pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet no Brasil, passou de 84,7% em 2021 para 87,2% em 2022. A pesquisa mostrou ainda que 98,4% dos alunos da rede privada de ensino e 89,4% dos estudantes da rede pública utilizaram a internet no ano em referência.

Ainda em referência aos dados coletados pela PNADC no período destacado acima, foi evidenciado que das pessoas que utilizavam a internet no país, 98,9% usavam por meio de telefone móvel celular, sendo que 93,4% utilizavam a internet todos os dias. Foi detectado que os usuários acessaram a internet para conversar por chamada de voz ou vídeo, enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de e-mail, como é caso das redes sociais virtuais, estas utilizadas por 83,6% dos usuários da internet.

Além disso, a pesquisa também definiu o nível de instrução como característica marcante para esses dados. Quanto mais instrução a pessoa tinha, mais internet ela utilizava. E, como destacado, essa utilização teve como finalidade maior a comunicação, por meio de mensagens de textos, voz, imagens, vídeos etc. – recursos esses proporcionados pelas redes sociais virtuais.

Segundo Moreira e Januário (2014, p.74), as redes sociais, ao se constituírem como

[...] espaços coletivos e colaborativos de comunicação e de troca de informação, podem facilitar a criação e desenvolvimento de comunidades de prática ou aprendizagem desde que exista uma intencionalidade educativa explícita. [...] Representam ambientes intelectuais, culturais, sociais e psicológicos que facilitam e sustentam a aprendizagem, enquanto promovem a interação, a colaboração e o

desenvolvimento de um sentimento de pertença dos seus membros.

A dinamicidade de conteúdos e mídias digitais, juntamente ao fator interação, são características essenciais que fazem com que, a cada dia, aumente-se a quantidade de apreciadores das redes sociais virtuais. Além disso, de acordo com Castells (1999), muitos veem as redes sociais digitais como um espaço em que é possível exercer a liberdade de expressão, bem como o incentivo para discussões desinibidas, sem renunciar à sinceridade. Isso talvez aconteça pelo fato de alguns sentimentos que inibem a expressão da verdade não se proliferarem da mesma forma quando estamos no mesmo espaço físico em que se encontra o receptor das nossas mensagens.

3.1. Facebook

O *Facebook* foi criado em 2004 por Mark Zuckerberh, porém, nos primeiros dois anos de sua criação, ele ficou reservado a um grupo de estudantes, como rede privada universitária. Somente em 2006 ele foi disponibilizado como rede social virtual aberta a todos os internautas, passando, em seguida, por diversas modificações/aprimoramentos até se tornar uma das redes mais exploradas atualmente, isso devido às suas características que passaram a atrair cada vez mais novos usuários (MOREIRA; JANUÁRIO, 2014).

Segundo Patrício e Gonçalves (2010, p.594),

O Facebook é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Esta interação surge essencialmente pelos comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos. É um espaço de encontro, partilha, discussão de ideias e, provavelmente, o mais utilizado entre estudantes universitários.

Diante disso, vê-se que, essa rede social passa a ter uma grande significação para a educação, posto que suas características tendem a abrir espaços para a ação pedagógica. E é uma rede que pode aproximar docentes e discentes, sendo que as relações “construídas no *Facebook* podem gerar um canal de comunicação mais aberto, resultando em ambientes de aprendizagem mais ricos e maior envolvimento dos alunos” (MATAR, 2013, p. 115)

Em 2013, o *Facebook* já era visto como uma rede social popular do planeta, de modo que, mesmo que o professor não tivesse um perfil cadastrado nessa rede, já era possível perceber a popularidade dela nos diálogos entre alunos e colegas (LORENZO, 2013). Além disso, é válido ressaltar que, com o tempo, “o Facebook tem aberto cada vez

mais caminhos para que as instituições e educadores possam utilizá-lo para aperfeiçoar a educação e, principalmente, a comunicação com seus alunos” (LORENZO, 2013, p.73).

É importante destacar ainda que, no *Facebook*, só com um perfil e os recursos básicos, já é possível aproveitar uma gama de informações por meio do mural dessa rede (MATTAR, 2013). As possibilidades aumentam na medida em que o usuário passa a explorar outros recursos disponíveis, tais como: curtir páginas com temas de seu interesse; inserir-se em grupos com fins específicos; compartilhar conteúdos com o objetivo de promover a interação e abrir discussões; acessar aplicativos disponibilizados, entre outros.

Segundo Mattar (2013, p.118),

O mural pode servir, portanto, como espaço de comunicação e discussão, e alunos e professores podem ser marcados para incentivar sua participação. Mensagens internas (síncronas ou assíncronas) servem também como um importante canal de comunicação, e eventos podem ser utilizados para lembrar prazos, encontros, palestras etc. É interessante lembrar da opção de se criar um perfil específico para atividades educacionais.

Com isso, vê-se que as possibilidades do uso do *Facebook* na educação são diversas, bastando apenas um planejamento adequado do profissional da educação. O professor, por exemplo, pode criar um grupo com seus alunos no *Facebook*, para compartilhar conteúdos com um fim educacional, desafiando-os à interação, ao compartilhamento de textos e de mídias digitais voltadas para a temática em estudo, tornando, assim, o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e democrático.

Essa reflexão vai de encontro com as ponderações de Moreira e Januário (2014, p.68), principalmente quando eles destacam a rede *Facebook* como uma plataforma que pode:

[...] potencializar a comunicação e a partilha de informação e conhecimento, e pode permitir o desenvolvimento de capacidades e estratégias de ensino/aprendizagem mais dinâmicas e interativas, abertas e criativas, possibilitando uma maior participação dos intervenientes, um melhor aproveitamento dos recursos e mais mobilidade de informação e conhecimento.

As possibilidades de utilização do *Facebook* como plataforma educacional são diversas, podendo facilitar/melhorar a relação professor-aluno, bem como instigar relações amigáveis de respeito, cooperação e construção do conhecimento. Por meio dessa rede, é possível manter uma conexão entre professores, pesquisadores e instituições de ensino, objetivando o compartilhamento de experiências e metodologias de trabalho, como meio de aperfeiçoamento e qualificação contínua para a intervenção pedagógica.

3.2. WhatsApp

Partindo da ideia de que o surgimento de novas tecnologias vem repercutindo cotidianamente nas relações sociais, como é o caso dos dispositivos móveis (celulares, *tablets* e *smartphones*), os quais facilitam o acesso a redes sociais virtuais, por exemplo, fica evidente a necessidade em pensarmos novas formas de intervenção pedagógica por meio deles, uma vez que a utilização desses dispositivos está, a cada dia, caminhando para se universalizar.

Dentre os diversos recursos tecnológicos oriundos dos dispositivos móveis que vêm trazendo mudanças significativas no comportamento social e, por conseguinte, nos ambientes educacionais, o *WhatsApp* é um dos mais representativos atualmente.

Segundo Rodrigues (2015, p.04), o *WhatsApp* “é um aplicativo multiplataforma que permite trocar mensagens por dispositivos móveis sem custos. Por ele, os usuários podem criar grupos (...), enviar mensagens ilimitadas com textos, imagens, vídeos, áudio, localização, entre outros recursos”. Esse aplicativo passou a ser disponibilizado no mercado em 2009 e, devido a sua facilidade de manuseio e diversidade de recursos, tornou-se uma das redes sociais mais utilizadas atualmente, ecoando fortemente nas diversas relações pessoais. Por meio dele é possível manter uma conexão entre pessoas de diferentes lugares do planeta, necessitando apenas de acesso à internet para que ocorra a interatividade.

Conforme Bottentuit Junior e Albuquerque (2016, p.02),

Este aplicativo foi planejado para facilitar o contato e a comunicação digital entre os indivíduos, mas aos poucos ganhou alcance e penetração com destaque em diversos setores da sociedade, tais como: comércio (comunicação entre clientes, lojistas e fornecedores, negociação online), marketing (publicidade e propaganda de produtos e serviços), telecomunicações (chamadas de áudio e mensagens sem custo), saúde (marcação de consultas, diagnósticos, informações médicas e até mesmo consultas virtuais), etc.

Assim como o *Facebook*, no *WhatsApp* também é possível uma intervenção pedagógica por meio de criação de grupos de estudos. Por meio dessa rede social, o professor pode promover, com seus alunos, uma discussão sobre determinado tema da sua disciplina, compartilhando textos e mídias digitais para fortalecer o processo de ensino-aprendizagem para além do espaço físico da sala de aula. Além disso, os grupos podem ser utilizados para avisos e demais orientações pedagógicas de atividades extracurriculares, e podem ser criados também para manter uma comunicação entre professores e seus colegas para planejamentos de atividades e compartilhamentos de

metodologias de ensino. E é nesse sentido que o *WhatsApp* passa a ser visto no Brasil como uma grande aposta para a educação, haja vista que, “tem facilitado a interação entre grupos de alunos e professores, além de estar conseguindo trazer recursos e conteúdos originais para as salas de aula” (RODRIGUES, 2015, p.03).

Salienta-se ainda que, devido ao *WhatsApp* permitir estabelecer conexão síncrona e assíncrona, ou seja, em tempo real ou somente quando os usuários estiverem conectados, nesta rede a interação em grupos nem sempre acontece com êxito, caso não seja planejado um horário específico para a interatividade, sendo que o acúmulo de mensagens e mídias digitais podem deixar os membros que não estejam *online* naquele momento comunicativo, dispersos. Contudo, essa característica da instantaneidade não tira a relevância dessa rede social no processo de ensino-aprendizagem, pelo contrário, fez com que o *WhatsApp* despontasse “como uma das ferramentas mais utilizadas nos últimos tempos dada a sua praticidade e a oferta de um ambiente amigável” (BOTTENTUIT JUNIOR, ALBUQUERQUE, 2016, p. 329). Além do mais, a interação promovida por essa rede social poderá estreitar ainda mais a relação professor-aluno, fazendo como que o processo de ensino-aprendizagem passe a ocorrer de forma dinâmica e plural, tornando tanto o professor quanto o aluno, protagonistas do processo.

Vale ressaltar ainda que o aplicativo WhatsApp já passou por diversas atualizações, de modo a oferecer diversas possibilidades ao professor no uso dessa ferramenta, uma delas é a questão do controle do administrador do grupo, sendo que hoje é possível manter uma comunidade de aprendizagem no referido aplicativo limitando o envio e compartilhamento de mensagens do grupo. Deste modo, nota-se que o professor, na condição de administrador de um grupo de WhatsApp com alunos, pode estar usando essa rede social de uma forma específica que contemple o objetivo planejado.

De acordo com Feliciano (2016), a “aproximação entre o professor e o aluno mediada pela tecnologia é interessante, porque permite que o professor deixe de lado um pouco a rigidez imposta pela sala de aula e assuma o papel de mediador intelectual ético e emocional dos alunos” (p.04). Esses pensamentos vão de encontro com algumas ponderações de Castells (1999), principalmente quando ele enfatiza que os usuários da internet, ao ingressarem em redes ou grupos online, acabam buscando interesses e valores em comum, pontos esses que tendem a fortalecer as relações interpessoais, indo além das telas dos computadores e celulares.

3.3. YouTube

O *YouTube* também é outra plataforma social virtual que pode ser explorada no processo de ensino aprendizagem, visto que atrai muitos apreciadores, devido a variação de conteúdos livres disponíveis por meio de vídeos. É uma rede que, conforme Marcelino e Santos (2015), foi fundada em 2005 por três jovens, e um ano depois foi eleita pela revista americana *Time* como a maior invenção do ano.

Em 2008, já era o *site* mais acessado do mundo e hospedava algo em torno de 85 milhões de vídeos. Isso permite que não se tenha dúvidas quanto à consolidação e ao sucesso da rede social. Os vídeos hospedados representam a manifestação da cultura participativa e fascinam os usuários pela quantidade de produções postadas e comentadas. Essa possibilidade de as pessoas se conectarem umas com as outras e compartilharem suas próprias produções, criações das mais variadas formas e estilos, fez com que muitos professores comesçassem a usar o *YouTube* em suas aulas. (MARCELINO; SANTOS, 2013, p.189)

Desse modo, tornando-se o repositório de vídeos gratuitos mais popular da internet, o *YouTube*, disponível em <<http://www.youtube.com>>, oferece ao usuário, “buscar vídeos por termos específicos ou palavras-chave de interesse, além de postar e compartilhar vídeos em comunidades, entre outras funcionalidades” (LORENZO, 2013, p.48). Nessa plataforma, há uma diversidade de canais que apresentam conteúdos educacionais. Muitos canais de professores, sobretudo daqueles que disponibilizam cursos on-line, podem ser abraçados para reforçar o processo de ensino-aprendizagem na educação formal.

É válido ressaltar que o incentivo à produção de vídeos pode ser uma ótima iniciativa na prática pedagógica, haja vista que o professor, além de oportunizar o aluno o acesso ao conhecimento através de outras formas de intervenção, pode incentivar a autonomia desse à produção de vídeos autorais com a finalidade de compartilhamento das aprendizagens adquiridas na interação em sala de aula e em ambientes virtuais. Além disso, a plataforma do *YouTube* é muito propícia ao compartilhamento dessas produções, tornando-a uma forte aliada para a educação.

Durante a pandemia do Covid-19, o *YouTube* foi uma das redes sociais digitais mais utilizadas, principalmente na forma de *lives*, recurso este que se tornou popular, sendo utilizado, sobretudo, por artistas da música e profissionais da educação.

Marcelino e Santos (2015, p.180) afirmam que, no *YouTube*:

(...) muitos de seus usuários não o utilizam apenas para visualizar vídeos, mas possuem uma conta, efetuam *login* e criam um canal. Os usuários comentam, compartilham e criam vídeos a partir de seus dispositivos móveis e de suas *webcams*. Os vídeos são o principal elo entre os usuários da rede. Para entender esse movimento, é preciso ir além de assistir aos conteúdos em vídeo, é preciso

também criar, compartilhar, comentar e compreender o modo de funcionamento do YouTube como conjunto de tecnologias e como rede social.

Desse modo, vê-se que o *YouTube* não é só um espaço para acessarmos vídeos, vai muito além disso. Sua plataforma, além de oferecer ao professor a possibilidade de variar sua metodologia de ensino, dá a ele a oportunidade de promover seu trabalho para além da sala de aula, indicando aos discentes o acesso a conteúdos essenciais à sua formação e oportunizando também a esses sujeitos a criação de materiais audiovisuais, com conteúdos educacionais, a serem compartilhados nessa mídia social.

É importante frisar que a produção de audiovisuais na educação pode sair mais caro do que a produção de materiais impressos, haja vista que há a necessidade de técnicas especializadas na área (DIAS; LEITE, 2012). É preciso que o docente busque uma formação quanto às técnicas de produção midiática. Contudo, há disponíveis *softwares* gratuitos e de fácil manuseio – como é o caso do *Movie Maker* e *KineMaster* – que podem facilitar esse trabalho, podendo serem baixados em *smartphones* e computadores, carecendo simplesmente de acesso à internet e espaço de armazenamento.

Outro ponto que merece destaque nessa discussão é a questão da violação de direitos autorais. Sobre isso, Mattar (2013, p.111) destaca que:

Uma das principais barreiras para a incorporação do *YouTube* à educação, entretanto, são os limites impostos pelo atual sistema de direitos autorais. Hoje, muitos vídeos (ou apenas o áudio) são costumeiramente retirados do *YouTube* (e de outros serviços) por violação de direitos autorais. O *YouTume* é um interessante projeto do MIT que reúne vídeos removidos do *YouTube* (e algumas outras plataformas) por esse motivo. O Center for Social Media, por exemplo, desenvolveu um código de boas práticas para a produção de vídeos online, o que deveria ser seguido por toda instituição de ensino.

Esses empecilhos quanto à produção de vídeos na educação vêm, a cada dia, sendo superados, em consequência das novas invenções tecnológicas. Devido ao avanço tecnológico, atualmente muitos jovens se utilizam apenas de uma câmera de celular para postar seus vídeos nas redes sociais, principalmente no *YouTube*, onde há um número enorme de videoaulas e cursos *online* com produção mínima e com bom conteúdo. Dessa forma, concretiza-se a ideia de que uma prática pedagógica por meio do audiovisual é uma iniciativa que faz com que o processo de ensino e aprendizagem venha ocorrer com mais dinamicidade, interatividade e protagonismo, características estas que dão coerência ao fazer pedagógico à sociedade da informação.

4. FORMAÇÃO DOCENTE PARA O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Nessa nova era da informação, as pessoas, para manterem-se no mercado de trabalho, vêm passando por um processo de reestruturação, sobretudo, quanto à busca do conhecimento, bem como aperfeiçoamento profissional, haja vista que as novas tecnologias vêm influenciando diretamente no comportamento de cada um. Assim sendo, para estar atualizado, tanto socialmente quanto profissionalmente, o sujeito vem sendo obrigado a abraçar o arcabouço tecnológico que tende a repercutir nas relações e práticas sociais, como é o caso das redes sociais virtuais.

Diante dessas transformações sociais ocasionadas pelas TDICs, é preciso repensar o cenário da educação no país, sem deixar de lado essa nova sociedade que se forma: a sociedade da informação.

Segundo Himanen (2005, p.361),

Na sociedade da informação, onde a aprendizagem ocorre durante o período de vida, as escolas não deveriam apenas distribuir informação, mas também criar uma autoconfiança e competências sociais, bem como ajudar os alunos a auto-realizarem-se identificando os seus talentos e paixões criativas. Além disto, o desafio associado à aprendizagem vitalícia na sociedade da informação, requer que as pessoas aprendam a aprender — e que se tornem capazes de identificar problemas, gerar ideias, ser autocríticos, resolver problemas e trabalhar com outras pessoas. A formação de professores devia ser mais atenta a estes assuntos.

Desse modo, na sociedade da informação, é preciso que tenhamos autonomia na busca do conhecimento. No caso do professor, é preciso que ele oportunize a seus alunos, ambientes capazes de incentivá-los a se tornarem protagonistas da sua aprendizagem, ou seja, que aprendam a aprender, conforme bem destacou Himanen (2005). Nesse sentido, no contexto educacional, desenvolver um trabalho por meio das TDICs passa a ser visto como uma grande iniciativa, haja vista que parte da ideia de que a escola precisa refletir sobre as manifestações culturais e sociais em que o sujeito em formação está inserido.

Além disso, de acordo com Porto, Oliveira e Couto (2015, p.171)

Em uma sociedade onde os novos dispositivos tecnológicos assumem um papel principal na vida do indivíduo, é necessário repensar não apenas o modo de redimensionar práticas educacionais, mas também a composição dos ambientes escolares. Torna-se imprescindível que a figura do professor se aproprie ainda mais das tecnologias, sejam elas infocomunicacionais ou não, visando rever sua prática e compreensão de uma mudança que não é pontual, mas que acontece a todo o momento, redefinindo papéis e novas formas de pensar.

Pensando nessas novas tecnologias, percebe-se que há algumas barreiras no

trabalho do professor em sala de aula, que vão desde a disponibilidade de instrumentos tecnológicos na instituição de ensino, até a qualificação contínua do próprio profissional da educação. Grande parte das escolas públicas brasileiras mostra-se carentes em aparelhos tecnológicos, e essa carência acaba desestimulando o professor a buscar aperfeiçoar-se nesse quesito, haja vista que ele se sente desmotivado por não poder aplicar alguns conhecimentos por falta de determinada tecnologia na instituição em que trabalha.

A utilização das redes sociais em sala de aula, por exemplo, só é possível se a escola disponibilizar o acesso à internet, caso contrário, essa exploração só poderá acontecer fora do ambiente formal de aprendizagem. Por outro lado, há também profissionais que resistem ao uso de recursos tecnológicos na sua prática, “seja por desconhecimento do funcionamento dos mesmos, preconceito ou incapacidade de realizar uma transposição pedagógica de seus conteúdos para um meio que não seja a sala de aula presencial e seus recursos tradicionais” (ARAÚJO, 2010, p.05). E se pensarmos ainda em educadores que já estão há muito tempo lecionando, vê-se que alguns, por acostumados com sua metodologia de ensino, esquivam-se em buscar outras formas de intervenção durante o processo de ensino-aprendizagem para então melhorar sua prática.

Por outro lado, os educadores precisam estar qualificados e em busca constante de aprimoramento, pois hoje os alunos têm acesso às novas tecnologias e chegam à escola com muitos conhecimentos. E como o professor é visto como uma referência a seus alunos, tendo um papel de formação de caráter nestes, seu treinamento e progresso na carreira devem ocorrer em alicerces de sua metodologia.

Para Oliveira (2009, p. 33)

As exigências da contemporaneidade inauguram novas relações entre trabalho, ciência, tecnologia e educação, determinando a necessidade de um projeto educativo, com vistas à formação de diferentes profissionais, trabalhadores e produtores de conhecimentos, cidadãos consumidores, novos protagonistas da sociedade atual.

Os professores precisam ser treinados para usar as novas tecnologias na prática docente, para que o cotidiano escolar possa ser transformado e afastado das práticas tradicionais de ensino, como o caso das aulas expositivas, que muitas das vezes eram mediadas, simplesmente, por um livro didático.

Diante disso, nota-se que muitas universidades públicas vêm ofertando diversos cursos de pós-graduação voltados para a qualificação do docente para novas estratégias de ensino intercedidas pelas novas tecnologias, como é o caso da Universidade Federal do

Vale do São Francisco – UNIVASF e da Universidade Federal da Bahia – UFBA, as quais entendem que ao utilizar as novas tecnologias, principalmente as Tecnologias Digitais de Informação, Comunicação e Expressão, os professores podem tornar-se cada vez mais guias no processo de aprendizagem dos alunos, desde a orientação intelectual, emocional e gerencial. Nesse sentido, já temos muitos exemplos de profissionais que vêm aderindo ao uso das novas tecnologias na educação, valendo-se da ideia de que “a presença de uma determinada tecnologia pode induzir profundas mudanças na maneira de organizar o ensino” (KENSKI, 2012, p.44).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto neste trabalho, evidenciou-se o quanto as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) vêm adentrando nas nossas vidas de forma dinâmica, fazendo com que mudemos nossas rotinas diárias, adquirindo novos hábitos/habilidades e desafiando-nos a acompanhar os avanços tecnológicos para nos manter conectados socialmente.

E no que concerne ao contexto educacional, confirmou-se que o desafio quanto à exploração das novas tecnologias vem se fortificando, sobremaneira no fazer pedagógico do professor, exigindo deste profissional um aperfeiçoamento contínuo para a utilização dos recursos tecnológicos, objetivando a manutenção de um diálogo mais concreto com o seu aluno, como é o caso do uso das redes sociais virtuais e mídias digitais mencionadas nessa produção, as quais vêm se constituindo como tecnologias muito utilizadas pelos discentes, sobretudo por meio dos dispositivos móveis, dentre eles, os celulares.

As redes sociais digitais, apesar de não terem sido criadas objetivando a promoção da educação, podem ser abraçadas por professores como um ótimo recurso didático, tendo em vista a apresentação de características essenciais ao processo de ensino e aprendizagem, como é o caso da promoção da interatividade, dinamização de informações por meio de mídias digitais, flexibilidade de conteúdo, de tempo e de espaço e, sobretudo, por promover o protagonismo dos usuários. E essas são características que podem ainda estimular o aluno à criatividade, à produção escrita e audiovisual, ao melhoramento do vocabulário, bem como ao desenvolvimento da criticidade. Além disso, o profissional da educação pode utilizar as redes sociais digitais para manter uma aproximação maior com toda comunidade escolar e sociedade local, promovendo seus trabalhos para além da sala

de aula, compartilhando conhecimentos/habilidades.

É válido ressaltar que as possibilidades de utilização das redes sociais *Facebook*, *WhatsApp* e *YouTube*, no processo de ensino-aprendizagem, não se fecham ao que fora destacado neste trabalho, pelo contrário, vai muito além. Ademais, há diversas outras redes sociais virtuais que também podem ser pensadas como meio de promovermos a educação, como é o caso do *Instagram*, *Twitter*, *Blogs* etc.

Infelizmente, além da carência de recursos tecnológicos na maioria das escolas públicas brasileiras, fica claro que, mesmo diante de uma variedade de cursos de formação voltados para as novas tecnologias, disponíveis de forma gratuita, há muitos professores que ainda se mostram resistentes a se aperfeiçoar nesse quesito a fim de melhorar a sua prática. E essas resistências têm aumentado a distância entre professor e aluno, fazendo com que este fique cada vez mais desmotivado em sala de aula.

Sendo assim, não adianta fecharmos os olhos para as manifestações tecnológicas, evitando a utilização das novas tecnologias no contexto educacional, como tem feito a França, que, em vez de abraçar as possibilidades pedagógicas proporcionadas pelos aparelhos de celulares, traçando planejamentos estratégicos para sua utilização, preferiu dar um passo atrás, criando a Lei n.º 2018-698 de 3 de agosto de 2018, que proíbe o uso de celulares nas escolas do país.

Deste modo, contrariando a prática utilizada pela França, o Brasil vem buscando oferecer uma educação ligada ao contexto social em que seus estudantes estão inseridos, como bem aponta a Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, haja vista que o aluno precisa ver sentido naquilo que é ensinado na escola, e este sentido está na relação dos conteúdos com o meio em que o aluno vive. Nesse sentido, explorar o uso das novas tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem, como é o caso dos aparelhos de celulares, tornou-se uma necessidade educacional, pois oportunizam o uso da internet para sites de pesquisas, bem como para a exploração das redes sociais digitais, estas que, como foi destacado anteriormente, em 2022 chegaram a ser utilizadas no Brasil por 83,6% dos usuários da internet.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Verônica Danieli de Lima. **O impacto das redes sociais no processo de ensino e aprendizagem**. Redes Sociais e Aprendizagens. 3º simpósio Hipertexto e Tecnologias da educação. Anais eletrônicos. UFPE. Recife/PE, 2010. Disponível em <<https://vdocuments.com.br/o-impacto-da-redes-sociais-no-processo-de-ensino-aprendizagem.html?page=1>> acesso em jul. 2023.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; ALBUQUERQUE, Odlá Cristianne Patriota. Possibilidades para o uso do WhatsApp na educação: análise de casos e estratégias pedagógicas. **Anais do I Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação**. Universidade Federal do Maranhão, 2016. Disponível em <https://www.academia.edu/30089309/POSSIBILIDADES_PARA_O_USO_DO_WHATSAPP_NA_EDUCA%C3%87%C3%83O_AN%C3%81LISE_DE_CASOS_E ESTRAT%C3%89GIAS_PEDAG%C3%93GICAS> Acesso em set. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**. 9394/1996. BRASIL. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em set. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. **Sociedade da informação, do conhecimento e da Aprendizagem: Desafios para a educação no Século XXI**. Revista de Educação, Vol. XVIII, nº 1, 2011. p. 5-22.

DIAS, Rosilâna Aparecida; LEITE, Lígia Silva. **Educação a Distância: da legislação ao pedagógico**. 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FELICIANO, Léia A. dos Santos. **O uso do Whatsapp como ferramenta pedagógica**. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, São Luiz, 2016. Disponível em <http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467587766_ARQUIVO_ArtigoAGB.pdf> Acesso em out. 2023.

FRANÇA. **Lei n.º 2018-698 de 3 de agosto de 2018, que proíbe o uso de celulares nas escolas da França**. Disponível em <<https://www.legifrance.gouv.fr/jorf/id/JORFTEXT000037284333>> Acesso em nov. 2023.

GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres; MARTINS, Valéria Bussola. A reescrita por meio das tecnologias de informação e comunicação: um caminho metodológico em busca de novas formas de ensino aprendizagem e de avaliação da leitura de cânones literários. In: **I Encontro Internacional TIC e Educação: Inovação Curricular com TIC**. Lisboa: TIC Educa 2010. Actas do I Encontro Internacional TIC e Educação. 2010. p. 319-324. Disponível em <<http://www.redage.org/sites/default/files/adjuntos/ticEDUCA2010.pdf>> Acesso em jul. 2023.

HIMANEN, Pekka. Desafios Globais da Sociedade de Informação. IN: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**; Conferência. Belém. Imprensa Nacional, 2005. p. 347- 370.

IBGE. **161,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a Internet no país, em 2022.** Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38307-161-6-milhoes-de-pessoas-com-10-anos-ou-mais-de-idade-utilizaram-a-internet-no-pais-em-2022#:~:text=A%20propor%C3%A7%C3%A3o%20de%20pessoas%20com,62%2C1%25%20em%202022>>. Acesso em nov. 2023.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: O Novo Ritmo Da Informação.** Campinas: Ed. Papyrus. 2012

LORENZO, Eder Maia. **A utilização das redes sociais na educação.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2013.

LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia C. **Manual de estilo acadêmico:** trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. Salvador: Edufba, 2013.

MARC PRENSKY, By. **Digital Natives, Digital Immigrants.** Disponível em <<https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>> Acesso em out. 2023.

MARCELINO, Cristiane; SANTOS, Rosemary dos. Vídeos digitais na pesquisa em educação e cibercultura: narrativas e imagens com a rede social YouTube em convergência com ambientes virtuais de aprendizagem. In: SANTOS, Edméa (Org.). **Pesquisa e mobilidade na cibercultura:** itinerâncias docentes. Salvador: Edufba, 2015, p. 185-209. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19293/1/Pesquisa%20e%20mobilidade%20repositorio.pdf>> Acesso em set. 2023.

MATTAR, João. **Web 2.0 e Redes Sociais na Educação.** São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MOREIRA, José António; JANUÁRIO, Susana. Redes sociais e Educação: reflexões acerca do facebook enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Org.). **Facebook e educação:** publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p. 67-84. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/c3h5q/pdf/porto-9788578792831.pdf>> Acesso em out. 2023.

OLIVEIRA, Andréa Hermínia de Aguiar. **Tecnologia e trabalho intelectual docente na universidade.** Guarapari/ES: Ex Libris, 2009.

PATRÍCIO, Maria Raquel Vaz; GONÇALVES, Vitor. Facebook: rede social educativa? In: **Encontro Internacional TIC e Educação.** Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, 2010. Disponível em <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>> Acesso em out. 2023.

PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo de Jesus; COUTO; Edvaldo Souza. A educação escolar enquanto rede de actantes. In: SANTOS, Edméa (Org.). **Pesquisa e mobilidade na cibercultura:** itinerâncias docentes. Salvador: Edufba, 2015, p. 167-184. Disponível em

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19293/1/Pesquisa%20e%20mobilidade%20repositorio.pdf>> Acesso em jul. 2023.

RAMOS, Márcio Roberto Vieira. O uso de tecnologias em sala de aula. In: **Revista Eletrônica – Ensino de sociologia em debate**: LENPES-PIBID de Ciências sociais – UEL - Edição Nº. 2, Vol. 1, jul-dez. 2012. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/edicao-nordm.-2-vol.-1-jul-dez-2012.php>> acesso em ago. 2023.

RODRIGUES, Tereza. **A utilização do aplicativo WhatsApp por professores em suas práticas pedagógicas**. 6º simpósio Hipertexto e Tecnologia na educação – 2º Colóquio Internacional de Educação com Tecnologias (Aprendizagem Aberta) – Anais Eletrônicos ISSN: 1984-1175, UFPE, 2015. Disponível em <<https://docplayer.com.br/20291320-A-utilizacao-do-aplicativo-whatsapp-por-professores-em-suas-praticas-pedagogicas.html>> Acesso em ago. 2023.

SILVA, Francineide Sales da; SERAFIM, Maria Lúcia. **Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem**: com a palavra o adolescente. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/fp86k/pdf/sousa-9788578793265-04.pdf>> Acesso em jun. 2023.

SOBRE OS AUTORES

Adriana Costa Dos Santos. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduada em Artes Visuais pela Faculdade FAVENI. Pós-Graduanda em Gênero, Raça/Etnia na Formação do Docente pela Universidade do estado Da Bahia – UNEB. Pós-Graduanda em Metodologias Ativas pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Técnico Nível Médio – Atendente do Departamento Estadual de Trânsito – DETRAN da Bahia.